

RUMO À EXCELÊNCIA

Fulvio Pileggi transformou o InCor em uma importante instituição de pesquisa e atendimento médico

Gilberto Stam



Pileggi: o instituto em primeiro lugar

O cardiologista Fulvio Pileggi acompanhou toda a trajetória de formação do Instituto do Coração (InCor) da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP). Assistiu às gestões para a criação da instituição, no início dos anos 1960, participou da inauguração do prédio para atendimento de pacientes, em 1977, e tornou-se seu diretor-geral, de 1982 a 1997. Para alguns dos médicos e pesquisadores que trabalharam com ele, foi o maior responsável pela transformação do InCor em um dos mais importantes centros de pesquisa e assistência médica do mundo. Sua estratégia principal consistia em atrair os profissionais mais talentosos, oferecer boas condições de trabalho e incentivá-los constantemente;

depois, cobrar com a mesma insistência. Pileggi morreu no dia 4 de abril, aos 93 anos, e deixou quatro filhos – Fulvio, Renata, Roberta e José Carlos – e oito netos.

“Ele trouxe a ciência para o InCor. Começamos a produzir mais pesquisa cardiológica do que toda a América Latina”, conta o cardiologista Protásio Lemos da Luz, pesquisador sênior do InCor que trabalhou com Pileggi por mais de 20 anos. “Pileggi buscava padrões internacionais de excelência. É o maior responsável pela notável instituição que é hoje o InCor.”

Eduardo Moacyr Krieger, diretor-executivo da Comissão de Relações Internacionais da FM-USP, conta que Pileggi implementou as divisões de bioengenharia, experimentação, bioinformática, imunologia de transplante, biologia molecular e

genética e cardiologia vascular. “Trouxe tudo para debaixo do mesmo teto”, diz Krieger, vice-presidente do Conselho Superior da FAPESP entre 2010 e 2019

Em sua clínica particular, os médicos assistentes que contratava também eram convocados para atender pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS). “Na época tínhamos um bipe e íamos até o orelhão pegar recados”, lembra o médico Roberto Kalil, diretor da Divisão de Cardiologia e hoje presidente do Conselho Diretor do InCor. “Quem não respondesse, estava fora da equipe.”

Paulista de São Carlos, Pileggi formou-se em 1952 na FM-USP e estagiou de 1955 a 1957, com bolsa da Fundação Rockefeller, no Instituto Nacional de Cardiologia do México, um dos centros mais importantes da área naquele período. Lá, trabalhou com dois especialistas da então nascente área de eletrocardiografia, Demetrio Sodi Pallarés (1913-2003) e Enrique Cabrera (1918-1964).

“A eletrocardiografia era difícil, mas eu gostava de física e matemática, o que me ajudava nesse campo”, contou Pileggi a *Pesquisa FAPESP* quando ganhou o prêmio da Fundação Conrado Wessel (FCW), em 2009, na categoria Medicina. “Quando Cabrera viajava, quem tomava conta do serviço de cardiologia era Pileggi, e não os assistentes do mexicano”, comentou na mesma época o oncologista Ricardo Renzo Brentani (1937-2011), amigo do cardiologista brasileiro. “Foi ele quem estabeleceu as bases da eletrocardiografia no Brasil.”

Na volta a São Paulo, entrou na equipe de Luiz Venere Décourt (1911-2007), chefe do Serviço de Cirurgia Cardíaca do Hospital das Clínicas (HC) da FM-USP, e conviveu com outro cardiologista consagrado, Euryclides de Jesus Zerbini (1912-1993). Décourt e Zerbini foram os responsáveis por unificar as áreas clínica e cirúrgica de cardiologia no HC. “Os fundamentos do instituto foram estabelecidos por Décour e Zerbini, mas quem implementou e deu todo o suporte científico para que o InCor se desenvolvesse foi Pileggi”, afirma Krieger.

O cardiologista Charles Mady, diretor da Unidade Clínica de Miocardiopatias e Doenças da Aorta do instituto, conta que Pileggi fugia dos holofotes da mídia e não ia atrás de pessoas poderosas – elas é que o procuravam. “Quem aparecia era sempre o instituto, nunca ele”, conclui. ■